

Biólogo quer desvendar a Amazônia

Pesquisador do museu Emílio Goeldi, do Pará, propõe a confecção de um inventário da região

ÁLVARO CAROPRESO

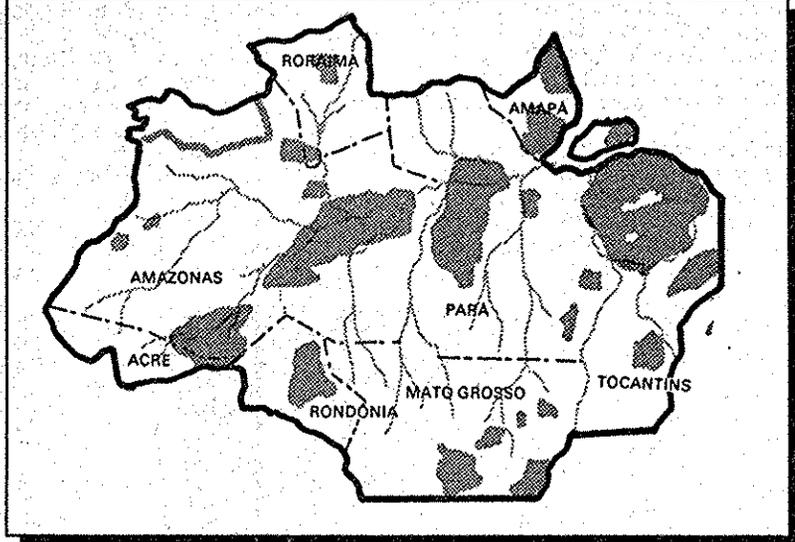
A riqueza biológica da Amazônia deixa o mundo extasiado, mas o que se conhece da fauna e da flora desse pedaço de continente é apenas a pequena fração da realidade, que a ciência conseguiu registrar até agora. Do resto, pouco ou nada se sabe. Por esta razão, David C. Oren, um biólogo norte-americano que preferiu dedicar-se ao Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, após concluir o doutorado pela Universidade de Harvard, em 1981, está propondo transformar os anos 90 na "Década do Inventário Biológico da Amazônia", um esforço liderado pelo Brasil para o gerenciamento do ecossistema mais complexo do mundo. A proposta, assumida pelo Museu, só espera a posse do novo governo para ser oficialmente levada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Oren propõe um "programa de no chão" para o inventário. Ele prevê gastar o equivalente a menos de 10% dos recursos destinados aos programas brasileiros de pesquisa considerados prioritários, como os da biotecnologia, da informática e do setor espacial.

No que diz respeito à fauna, acredita-se que 10% de todas as espécies animais do planeta vi-

Mapa da ignorância

Para mostrar o pouco que se conhece sobre a Amazônia, o biólogo David C. Oren busca o exemplo das aves, um dos raros grupos de animais relativamente bem estudados na região. O mapa feito por ele indica, nas manchas escuras, as áreas cujas aves são conhecidas. Sobre as aves que vivem na maior parte da Amazônia, nada se sabe.



vem na Amazônia, isto é, algo entre 200 mil a 3,5 milhões de espécies. Entre essas espécies, Oren aponta, num estudo realizado no final do ano passado, somente quatro grupos de animais que podem ser considerados razoavelmente bem conhecidos: 1 — os animais de importância médica, como os insetos transmissores de doenças e os primatas, importantes no desenvolvimento de remédios e vacinas; 2 — as espécies bizarras ou extraordinárias pela forma ou pelo tamanho, como cobras e besouros gigantes; 3 — os animais bonitos, como as aves e borboletas; 4 — os animais de

importância econômica, como abelhas, jacarés e peixes.

Porém, mesmo sobre esses quatro grupos de animais mais conhecidos falta muita informação básica, como os períodos de gestação, os movimentos sazonais (deslocamentos que os bichos fazem em seus habitats sempre nas mesmas épocas do ano), o número de filhotes por cria ou a idade em que atingem a maturidade.

ESCASSEZ DE DADOS

"A nossa ignorância é profunda e abrangente", disse Oren. "Parece que no mundo

zoológico tamanho é documentado. Em qualquer grupo que mereça uma observação atenta, pode ser constatada uma correlação entre o porte da espécie e o nosso conhecimento sobre ela. Sabemos mais sobre a anta, por exemplo, do que sobre os ratos-do-mato do gênero Echimys", compara.

Para evidenciar de modo mais objetivo o pouco que se conhece da Amazônia, Oren recorre ao caso das aves, sua especialidade e um dos grupos mais estudados. Ele registrou num mapa todos os pontos de coleta de aves para fins de pesquisa na Amazônia, cujos exemplares são enviados para instituições científicas do Brasil e do Exterior.

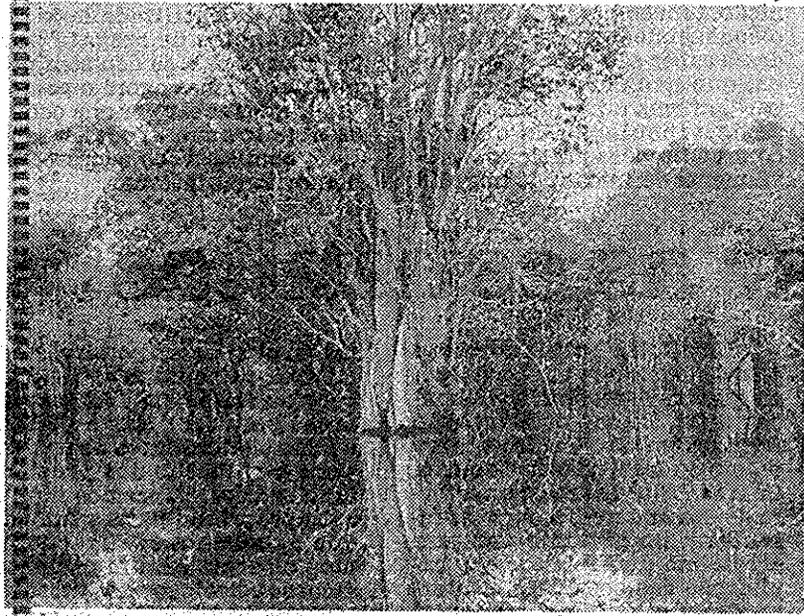
Em torno de cada ponto de coleta, Oren traçou um círculo de raio equivalente a 100 quilômetros. Usando o critério que exige pelo menos dois pontos de coleta separados no máximo 200 quilômetros dentro de uma região para considerá-la razoavelmente conhecida, ele obteve um conjunto de "manchas" no mapa cuja soma das áreas é nítida e significativamente menor do que a área total da Amazônia legal brasileira.

"Podemos ver através desse mapa que a grande maioria da Amazônia brasileira permanece praticamente desconhecida em termos das espécies de aves que vivem lá", sentenciou Oren, lembrando novamente que esse é um dos grupos mais estudados. "Imagine a situação dos outros grupos!"

Direção da pesquisa deve ser brasileira

Ao propor um inventário biológico para a Amazônia, o pesquisador David C. Oren destaca dois pontos fundamentais. Primeiro, que ele seja coordenado pelas duas principais instituições científicas brasileiras que desenvolvem trabalhos multidisciplinares na região, o Instituto de Pesquisas da Amazônia e o Museu Paraense Emílio Goeldi. Segundo, que sejam captados recursos a fundo perdido no Exterior, uma maneira de se aproveitar o interesse internacional pela Amazônia para um projeto definido no Brasil.

Segundo Oren, os cientistas empenhados em enriquecer o conhecimento da Amazônia hoje, não têm dinheiro sequer para obter certas obras essenciais. "Faltam recursos, por exemplo, para a compra dos preciosos trabalhos do século passado, onde milhares de espécies amazônicas foram descritas", reclama Oren. Ele conta que algumas destas obras só podem ser encontradas atualmente a altos preços em sebos da Europa e propõe a criação de um fundo destinado exclusivamente à sua aquisição.



Amazônia: diversidade biológica pouco estudada